

Maior credor está otimista quanto a um acordo

Roberto Garcia

Correspondente

WASHINGTON — John Reed, presidente do Citicorp, o maior credor do Brasil, está otimista quanto à possibilidade de o país retomar o pagamento de juros, mas o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, afastou a hipótese de que isso venha a ocorrer ainda esta semana.

O otimismo de Reed ficou claro durante reunião entre a diretoria do Citi com analistas do mercado financeiro. Na ocasião ele admitiu contudo que, se por alguma razão, as negociações com o governo Sarney fracassarem e a moratória brasileira continuar, cada ação do Citibank perderá US\$ 1,20 já no fim do primeiro trimestre de 1988.

Segundo um membro do comitê coordenador dos bancos credores, o governo Sarney tem demonstrado empenho em amarrar um acordo a curto prazo, abandonando algumas exigências que impediam um avanço nas negociações. "Aparentemente eles querem o melhor acordo que conseguirem fechar em poucos dias", afirmou o banqueiro.

Necessariamente, a busca de um acordo rápido não sacrificaria algumas das principais metas anunciadas pelo governo no ano passado, como reescalonamento por 20 anos da dívida vencida e a vencer no período 1986 a 1989, bem como refinanciamento de metades dos juros de 1988 e 1989.

O Brasil teria que abandonar, contudo, sua reivindicação de taxa de risco (*spread*) igual a zero ou inclusão dos termos de conversão de parte da dívida em títulos a longo prazo. "A desistência do *spread* zero não é uma concessão aos bancos. Isso nunca foi uma reivindicação séria. Ela constava das propostas brasileiras apenas para abrir as negociações", disse um banqueiro. Países que nunca fizeram moratória, que assinaram acordo prévio com o Fundo Monetário e que têm um melhor diálogo com os

credores conseguiram apenas reduzir o *spread* para 0,81% acima da taxa Libor.

A vantagem de um acordo mais rápido seria a eliminação das incertezas ligadas a negociações intermináveis e inconclusivas. "Ninguém ganha com a continuação de todas essas tensões", observou um banqueiro.

Apesar do ritmo mais acelerado das negociações em Nova Iorque, todas as partes admitem o surgimento de novos impasses. "É impossível determinar nesta altura o grau de autoridade de que Nóbrega usufrui, atualmente. Mas temos certeza que o prestígio dele aumentará muito se conseguir fechar um acordo", acrescentou o mesmo banqueiro.

Três antecessores de Mailson da Nóbrega tiveram que renunciar sem concluir as negociações em virtude de impasses políticos e econômicos no Brasil. Mesmo que a atual equipe de negociadores acerte os termos de um acordo com o comitê de 14 bancos, que representa todos os credores, nas próximas semanas seriam necessários alguns meses para que ele entrasse em vigor.

☐ O Citibank não pretende converter 10% de seu crédito de US\$ 2,9 bilhões com o México em bônus com 20 anos de prazo garantidos pelo Tesouro dos Estados Unidos. "Somos credores a longo prazo e estamos satisfeitos com nossa carteira", disse John Reed, presidente da holding Citicorp, em entrevista a The New York Times. Para Reed, a proposta mexicana de conversão em bônus de longo prazo é uma boa ideia para aqueles bancos que pretendem deixar de emprestar à América Latina, pois oferece uma boa oportunidade de reduzir seus compromissos com a região. Reed, porém, admitiu que embora o Citibank não pretenda converter parte de seu crédito, não se negará a participar de um consórcio se o deságio da dívida mexicana oscilar entre 30% e 50%.